

O MECANISMO DA INTERFIXAÇÃO EM PORTUGUÊS

José Lemos Monteiro*

Resumo

Este estudo tem por objetivo defender a proposta de que os segmentos fônicos que com frequência ocorrem entre dois radicais ou entre uma base e um sufixo devem ser analisados como morfes autônomos, embora desprovidos de significado. Argumenta-se, nesse sentido, que a introdução do conceito de interfixo para a morfologia portuguesa reduziria drasticamente o número de morfes derivativos, o que simplificaria a descrição linguística. Além disso, sugerem-se algumas hipóteses para uma posterior análise das motivações ou fatores que determinariam a ocorrência da interfixação em português.

Palavras-chaves: Morfologia, Gramática, Formação de palavras, Língua Portuguesa.

Abstract

The purpose of this study is to explain the concept that the elements that frequently happen among two radicals or between a base and a suffix should be analyzed as autonomous morphemes, although they do not have a meaning. We argue, in that sense, that the introduction of the interfix concept for the Portuguese morphology would enough reduce the number of suffixes, in order to simplify the linguistic description. Besides, we suggest some hypotheses for the analysis of the motivations or factors that would determine the occurrence of the interfixes in the Portuguese Language.

Keywords: Morphology, Grammar, Word Formation, Portuguese Language.

INTRODUÇÃO

A tarefa de depreender segmentos fônicos, no intuito de identificar os morfes existentes nos vocábulos, está longe de ser resolvida. Estabelecem-se os princípios de análise e, quando se tenta aplicá-los, logo se percebe que tais princípios esbarram em problemas que criam contradições ou deixam insolúveis muitos casos.

Por um lado, quando não se faz um corte sincrônico, a segmentação se torna bastante dificultosa em razão de muitos fatores, um dos quais as profundas alterações sofridas pelos morfes, com mudança ou até mesmo esvaziamento do significado original.

Por outro lado, quando se adota uma perspectiva sincrônica, espera-se obter um maior rigor metodológico e um conseqüente melhor nível de coerência descritiva. Mas a falta de correspondência biunívoca entre morfe e morfema termina por exigir uma série de artifícios, entre os quais o da cumulação ou superposição de morfes, o da ocorrência de formas alternantes, o da redundância e da homonímia, bem como o do morfe zero e o do morfe vazio. É deste último artifício que vamos tratar, especificamente analisando o fenômeno da interfixação em português, no sentido de descobrir se sua aplicação pode ou não ser útil à análise mórfica de inúmeros vocábulos cuja segmentação sempre oferece alguma dificuldade.

OS MORFE VAZIOS

Não é de hoje a percepção de que, entre um radical e um sufixo ou entre dois radicais, às vezes se insere um fonema que não transmite qualquer significado e só teria, segundo nossos gramáticos, a função de desfazer um hiato ou de contribuir para a eufonia do vocábulo. Assim, a con-

* Professor Titular da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

soante [z] aparece, por exemplo, antes dos sufixos [al], [ão], [ciro], [ete], [ico], [inho], [ito] em:

- cafezal, capinzal, manguezal
- tatuzão, paizão, solzão
- açazeiro, cajazeira, forrozeiro
- Marizete, Arturzico, Zezito, Zezinho.

Pelo que se nota, em muitos casos, a chamada consoante de ligação ocorre antes de palavras oxítonas terminadas por vogal e, por isso, visa mesmo a desfazer um hiato que inevitavelmente se formaria. Entretanto, de acordo com um estudo que realizamos sobre a formação dos diminutivos no português de Fortaleza (Monteiro, 1997), há uma série de fatores que determinam ou inibem seu emprego e há variantes do tipo *colherinha* e *colherzinha* ou *painho* e *paizinho* que demonstram a impossibilidade de uma interpretação válida para todas as situações.

Seja como for, não se percebe que significado uma consoante (ou vogal) de ligação poderia acrescentar ao vocábulo derivado e, com base nisso, costuma-se não lhe atribuir o *status* de morfema. Seria, pois, um morfe ao qual não corresponderia nenhum morfema. Ou seja, um *morfe vazio*, oposto do *morfe zero*.

Foi Hockett (1947) quem empregou pela primeira vez a designação *morfe vazio*, referindo-se aos casos em que a segmentação da palavra deixa um segmento residual não correspondente a qualquer significado. Hockett cita como exemplo o caso da vogal temática na flexão verbal. Mas a vogal temática, embora não traduza nenhuma noção ou idéia, tem pelo menos a função de indicar a que conjugação pertence o verbo. Não expressa logicamente um significado lexical, mas desempenha uma função gramatical de fácil reconhecimento. Assim sendo, não deve ser considerada a nosso ver um bom exemplo de morfe vazio.

Retornemos, pois, às consoantes e vogais de ligação. Tanto no processo de derivação quanto no de composição de palavras, muitas vezes se insere uma vogal vazia de significado entre o radical e o sufixo ou entre dois radicais. É o que se verifica em [[am](á)vel] e [[cat(a)] [vento]].

O problema principal da análise é o de decidir se o segmento deve ou não ser isolado. Em caso afirmativo, constitui um morfe vazio e não se tem um morfema. E, se não há morfema, por que destacá-lo? Em caso negativo, surge outra questão crucial: a que morfe se deve agregá-lo?

Num primeiro momento, nossa intuição nos leva a crer que, no mecanismo da derivação, ele integra o sufixo. Raciocinamos, nesse sentido, que os lexemas *cafeteira*, *florzinha*, *capinzal* e *açazeiro* são formados respectivamente de [café] + [teira], [flor] + [zinha], [capim] + [zal] e [açai] + [zeiro]. Já com referência à composição, o morfe vazio parece fazer parte do primeiro radical, o que nos permite supor que palavras como *catavento*, *uxoricida* e

filosofia sejam combinações de [cata] + [vento], [uxori] + [cida] e [filo] + [sofia].

Na realidade, porém, esse critério é extremamente frágil. Em *frutuoso*, *casual*, *pãozinho* e *cipriota*, sentimos que as vogais antepostas aos sufixos finalizam os temas das palavras primitivas. Como tais, não poderiam integrar os sufixos e deveríamos ter: [fruto] + [oso] → [[frut(u)]oso]; [caso] + [al] → [[cas(u)]al]; [pão] + [zinho] → [[pã(o)]zinho]; [Chipre] + [ota] → [[cipr(i)]ota].

Para complicar mais ainda, além de nem sempre se saber a que constituinte mórfico o segmento fônico vazio de significado deve ser agregado, a hipótese de não se destacá-lo cria uma infinidade de alomorfes, o que com certeza não simplifica a análise lingüística. Adotando-se a hipótese contrária, um levantamento dos morfemas vazios ou interfixos no português reduziria drasticamente o número de sufixos, facilitando bastante a tarefa de descrever a estrutura dos vocábulos. E este é um bom argumento para que, após um inventário metódico, os interfixos possam ser considerados na segmentação, embora levando-se em conta que não expressam significado.

Aliás, nem todos os lingüistas são unânimes em afirmar que a existência do significado sempre deve caracterizar a presença de um morfema. Jensen (1990, p. 3), entre outros, assim define: “os morfemas são primariamente unidades estruturais e são tipicamente, porém não necessariamente, portadores de significado.”

Em sentido análogo, Aronoff (1976, p.7), após afirmar que o importante no morfema não é o seu significado mas sua arbitrariedade, sentencia:

Demonstrarei que, abaixo do nível da palavra, encontramos morfemas que, embora devam ser associados a verdadeiros elementos lingüísticos, não apresentam nenhum significado que possa ser identificado independentemente de cada uma das palavras isoladas em que eles ocorrem.

Convém observar ainda que tais segmentos vazios de significado não se resumem a fonemas simples como as vogais e consoantes de ligação até então mencionadas. Há diversos outros resíduos, às vezes elementos que funcionavam como sufixos e se agregaram a outros talvez por motivos expressivos.

Vejamos alguns exemplos:

Se quisermos produzir um adjetivo a partir do substantivo *rocha*, basta acrescentar o sufixo [oso] e teremos *rochoso*. Aplicando o mesmo procedimento em *pedra*, o resultado normal será *pedroso*. Há, contudo, a variante *pedregoso*, sem dúvida bem mais usual entre nós, e nela se observa o segmento [eg], em que não conseguimos vislumbrar nenhum significado. Sabemos que *pedregoso* deriva de *pedra* com a adjunção do sufixo [oso]. Mas como analisar

o [eg], que reaparece em outros derivados como *pedregal*, *pedregulho* e *pedreguento*?

De modo semelhante, se formos produzir verbos a partir de bases adjetivais, quase sempre é possível afixar o morfe [izar]. De *real*, *ótimo*, *final* e *concreto*, produzem-se os verbos *realizar*, *otimizar*, *finalizar* e *concretizar*. Entretanto, do adjetivo *ridículo* se forma *ridicularizar*, de emprego atual muito mais freqüente do que *ridiculizar*. Se não existe *ridicular*, como interpretar o segmento [ar], que tem natureza de sufixo em *familiarizar* (porque vem de *familiar*)?

Casos como esses nos sugerem que a noção de interfixo pode ser uma alternativa bastante útil na descrição morfológica. Vamos então refletir sobre algumas interpretações já ensaiadas para o mecanismo da interfixação, tentando com isso abrir novos caminhos para uma análise mais simples e coerente.

CARACTERÍSTICAS DA INTERFIXAÇÃO

De acordo com Malkiel (1957, p.107), entende-se por *interfixo* “o segmento, sempre átono e vazio de significado, que se insere entre o radical e o sufixo de certos derivados.” A partir dessa definição, com base em Portolés (1993), pode-se dizer que o interfixo se caracteriza basicamente por:

- pertencer à morfologia derivacional, não dependendo do contexto sintático em que aparece a palavra que o aceita;
- ocorrer entre dois radicais ou entre uma base e um sufixo ou terminação verbal;
- ser por natureza átono;
- não se confundir com os sufixos que pertencem a cadeias sufixais.

Esta última característica deve ser examinada com bastante cautela. Em derivados do tipo de *vidraceiro*, corre-se o risco de analisar o segmento [ac] como um interfixo, ligando a base [vidr] ao sufixo [eiro]. Na realidade, porém, o morfe [eiro] é associado a *vidraça* e, portanto, o segmento [ac] constitui um outro sufixo. Ou seja, de *vidro* se forma *vidraça* mediante sufixação e daí se deriva *vidraceiro*. Talvez o mesmo não se possa aplicar a *lamacento*, em que [ac] tem características de morfe vazio, já que apenas liga a raiz [lam] ao sufixo [ento].

Por outro lado, cumpre ter em mente que o interfixo também não se confunde com o infixo, já que este por natureza apresenta significado. Observemos, a título de ilustração, alguns nomes hipocorísticos quando a base termina por /s/:

Carl...os	→	Carl-inh-os, Carl-it-os
Marc...os	→	Marqu-inh-os

Doming...os	→	Domingu-inh-os
Jon...as	→	Jon-inh-as
Luc...as	→	Luqu-inh-as

Não se pode negar que o prenome aqui é realmente bipartido para a inserção do morfe diminutivo: a terminação do hipocorístico é a mesma do prenome. O segmento inserido não pode ser interpretado como um interfixo, em razão de ter um significado e não ocorrer entre dois radicais ou entre uma base e um sufixo ou terminação verbal. É como se a base se tornasse um morfe descontínuo, que fosse interrompido e retomado após a inserção do infixo.

Mas a questão nem sempre é tão simples. Consideremos a formação do plural dos diminutivos terminados em [zinho], como em *florzinha* → *florezinhas*. Se dissermos que o segmento [e] constitui um infixo, admitimos que foi anexado em *florzinha* ao mesmo tempo que a desinência de plural, à semelhança de um morfe descontínuo. Se entendermos que se trata de um interfixo, diremos que foi colocado antes do sufixo, que assim pôde receber a desinência. Mas, desde que o [z] pode ser interpretado também como interfixo, estamos diante de dois interfixos contíguos, o que parece inteiramente fora de propósito. E, se tomarmos um par do tipo *cãozinho* → *cãezinhos*, somos tentados a ver uma alternância submorfêmica /o/ ~ /e/, o que pode ainda tornar mais complicada a análise.

De qualquer modo, os dois conceitos jamais podem ser nivelados e confundidos. A distinção básica, que ainda oferece uma série de problemas, é a de que somente o infixo seria um autêntico morfema, enquanto o interfixo, por carecer de significado próprio, teria que ser introduzido mediante regras morfofonológicas.

Tomadas essas cautelas, o passo seguinte deve ser o de inventariar os morfemas vazios. Em português, parece-nos que os mais freqüentes casos de interfixação ocorrem com as chamadas *vogais e consoantes de ligação*, o que se verifica em *cha-l-eira*, *am-á-vel* ou *cas-u-al*. Mas, além disso que já examinamos, há outros segmentos que, embora tenham sido ou continuem a ser sufixos em algumas poucas palavras, perderam sua expressividade e passaram a vir antes de outro sufixo, como uma espécie de reforço.

É o caso de nos determos um pouco na formação dos aumentativos. Nossas gramáticas apresentam vários sufixos, entre os quais [ão], [arro] e [alho], presentes em *livrão*, *bocarra* e *politalho*. O primeiro continua a ser extremamente produtivo, mas os dois seguintes hoje quase só existem aglutinados a [ão], como nas palavras abaixo:

homenzarrão	amigalhão
santarrão	brincalhão
saparrão	dramalhão
bobalhão	espertalhão
bestalhão	grandalhão

A saída mais comum é a de considerar como novos sufixos os segmentos [arrão], [alhão] e outros semelhantes, o que expande consideravelmente o número dos morfemes derivativos. Outra saída é a de apelar para o conceito de alomorfia, com o que também se complica a análise, desde que um mesmo sufixo terá assim diversas variantes. Entendendo-se, por outro lado, que há apenas interfixação, tais problemas são adequadamente solucionados.

Queremos insistir no fato de que, não se admitindo o interfixo como um morfeme segmentável, o número de alomorfes ou de novos sufixos cresce assustadoramente, o que contraria o princípio da economia e simplicidade descritiva. Por isso mesmo, apesar da alegada falta de significado, Malkiel (1957) prefere considerar os interfixos como morfemes autônomos e não como parte integrante da base ou do afixo, pois, segundo ele, a eliminação de apenas um interfixo acarretaria a necessidade de se admitir a existência de uma elevada quantidade de sufixos compostos.

O argumento tem tudo para ser convincente. Nas palavras de Malkiel (1993, p. 88):

A vantagem advinda desta classificação é a drástica redução de morfemas derivacionais: um número limitado de interfixos (não finais) (digamos, -ad-, -ar-, -arr-, -eg- e -ig-, -er...), sem dúvida de significado difuso, mais a conhecida lista de sufixos (finais), dotado cada um deles de uma carga semântica bem definida, dariam conta de todas as complexidades combinatórias.

Só para se ter uma idéia, Portolés (1993) identificou em relação ao espanhol cerca de duzentas e cinquenta combinações distintas entre interfixos e sufixos ou terminações verbais, ressaltando que esse cômputo seria enormemente ampliado se fossem levadas em conta variações dialetais ou familiares. A ser assim em português, não resta nenhuma dúvida de que se torna bem mais simples fazer um levantamento dos segmentos que antecedem os sufixos e analisá-los como morfemes autônomos, apesar de semanticamente vazios.

E, aliás, a questão da vacuidade semântica dos interfixos precisa ser vista com mais cautela. Nesse sentido, Carreter (1972, ap. Rainer, 1993) percebeu que certos segmentos identificados como interfixos, existentes no processo de formação dos diminutivos em espanhol, não seriam morfemes vazios, desde que serviriam para adequar o lexema à idéia de pequenez, preparando-o assim para receber o sufixo.

É verdade, porém, que tal suposição é contestada pelo próprio Rainer. Ele indaga até que ponto uma forma como *pueblito*, somente por não conter um interfixo, expressaria menos afetividade ou traduziria com menor intensidade a noção diminutiva do que *pueblecito*.

Seja como for, aplicando o raciocínio ao português, se é pouco provável existir alguma diferença semântica

entre pares como *colherinha* e *colherzinha*, há algumas situações em que a mudança de significado se deve ao segmento que antecede o sufixo. Retomando alguns exemplos apresentados, sentimos que os significados de *homenzarrão*, *saparrão*, *bobalhão*, *amigalhão* e *grandalhão* não são rigorosamente os mesmos de *homão*, *sapão*, *bobão*, *amigão* e *grandão*. É como se o aumento do volume fonético com a inserção de [arr] ou [alh] implicasse uma intensificação do conteúdo semântico.

E há casos bem mais evidentes de que a interfixação carrega mudança de significado. Observemos a propósito que *vend-á-vel* significa “que se vende com facilidade”, enquanto que *vend-i-vel* se refere ao “que pode ser vendido”. De modo análogo, *vest-u-ário* (traje) se distingue de *vest-i-ário* (“compartimento onde se troca de roupa”). Exemplos como esses demonstram que os interfixos podem ter *status* de morfema ou a descrição dos constituintes mórficos terá que ser diferente.

Tudo isto só nos leva a insistir na necessidade de se descobrir que funções teriam os interfixos na estrutura das palavras. Ou seja: por que determinados segmentos fônicos costumam preceder certos sufixos, especialmente os diminutivos e aumentativos? A resposta que sugerimos se liga ao fato de que alguns desses segmentos são originariamente morfemes sufixais que se desgastaram ou perderam todo o valor expressivo. Raciocinando com Fernández (1973), é para recuperar esse valor expressivo que na derivação apreciativa pode ocorrer a interfixação, o que se constata nos exemplos acima estudados. Entretanto, por que o sufixo [ão] continua produtivo e expressivo para inúmeras bases, sem necessidade de interfixos?

Uma outra hipótese, aliás bem sedutora, porém igualmente contestável, é defendida por Portolés (1993). Para ele, a interfixação permitiria uniões de bases com sufixos, em sua maioria quantificadores, quando houvesse restrições às regras de formação de palavras. Seguindo esse raciocínio, estariam justificadas formações como *bail-ar-ino* e *danç-ar-ino*, em que o sufixo só pôde ligar-se às bases verbais em virtude da presença do interfixo. Ou seja, o segmento [ar] possibilitaria que se derivasse um adjetivo de um verbo, já que a anexação do sufixo não se faria de modo imediato.

Em função da mesma hipótese, Portolés (1993) observa que os adjetivos formados com o sufixo [oso] jamais podem prender-se a uma base verbal. É por isso que se deve interpretar que um vocábulo como *saudoso* não se relaciona ao verbo *saudar*, mas ao substantivo *saudade*, mediante haplogia: *saudade* → *saudadoso* → *saudoso*. O que dizer, porém, do adjetivo *pegajoso*? Aqui a conclusão óbvia não é outra senão a de que ele deriva de fato do verbo *pegar*. Se não houvesse qualquer restrição, o resultado seria normalmente **pegoso*, com a anexação do sufixo [oso]. Como, entretanto, esse morfema não se prende a uma base verbal, é necessária a presença de um interfixo (*peg-aj-oso*), para invalidar essa restrição.

A hipótese, apesar de atraente, não parece ter a menor consistência. Basta ver que o adjetivo *peguento* é derivado do mesmo verbo *pegar*, sem nenhum interfixo. Se ela pode valer para *beberrão* (de *beber*), para *comilão* (de *comer*) ou talvez para *sabichão* (de *saber*), não explica uma boa quantidade de aumentativos derivados diretamente de bases verbais, tais como *chupão*, *chorão*, *mijão*, *peidão*, *cagão* etc.

Há, pois, uma série de questões a resolver com a introdução do conceito de interfixo. Mas entendemos que, se tais questões forem solucionadas, o conceito de interfixo pode bem estabelecer uma proposta mais simples e coerente para a descrição morfológica do português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONOFF, Mark (1976). *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Massachussets, MIT.

CARRETER, Fernando Lázaro (1962). *Diccionario de términos filológicos*. Madrid: Gredos.

DOSUNA, J. Méndez, & PENSADO, Carmen (1993). Los diminutivos infijados en español. In: VARELA, Soledad. *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria, pp. 316-35.

EZQUERRA, Manuel Alvar (1995). *La formación de palabras en español*. Madrid: Arco Libros. 77 p.

FERNÁNDEZ, Emilio N. (1973). *El diminutivo*. Historia y función en el español clásico y moderno. Madrid: Gredos. 458 p.

HOCKETT, Charles (1947). Problems of morphemic analysis. *Language*, 23:321-43.

JENSEN, John T. (1990). *Morphology. Word Structure in Generative Grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publ. 210 p.

MALKIEL, Y. (1957). Los interfijos hispánicos: problema de lingüística histórica y estructural. In: *Estructuralismo e historia*. La Laguna: Universidad de la Laguna, v. II, pp. 106-99.

—— (1993). El análisis genético de la formación de palabras. In: VARELA, Soledad (ed.). *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria, pp. 71-115.

MONTEIRO, José Lemos (1983). Processos de formação dos hipocorísticos. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*. Fortaleza, 4:79-110.

—— (1997). A formação dos diminutivos no português oral de Fortaleza. In: Hora, Dermeval da (org.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia. pp.115-30.

—— (1999). Quem disse que não há infixos em português? *Anais (do) II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro: CIEFIL & UFRJ. pp. 77-92.

—— (2002). *Morfologia portuguesa*. 4ª ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes.

PORTOLÉS, José (1993). Sobre los interfijos en español. In: VARELA, Soledad. *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria, pp. 339-59.

RAINER, Franz (1993). Setenta años (1921-1990) de investigación en la formación de palabras del español moderno: bibliografía crítica selectiva. In: VARELA, Soledad (ed.). *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria, pp. 30-70.